

O direito à nova cidade - Uma outra cidade é possível

A cidade baseada no modelo máquina do séc. XIX passou a ser o shopping. Generalizaram-se formas de «apartheid» urbano através de condomínios fechados para a burguesia enriquecida e guetos para os excluídos.

Nestes últimos anos de capitalismo neo-liberal exacerbado, agravaram-se três síndromas principais:

1. Esgotamento das energias convencionais ou fósseis, esgotamento de bens naturais e destruição alargada da biodiversidade;
2. Contaminação tóxica e poluição global do ar, da água, da terra e dos organismos vivos;
3. Agravamento do fosso social entre países ricos e países pobres, entre metrópoles e periferia. Cresce uma minoria cada vez mais poderosa e rica face a uma maioria cada vez mais empobrecida e despossuída de condições objectivas de cidadania.

No plano do urbanismo, a cidade tornou-se numa mega máquina energetívora e predadora. A megapólis funciona segundo o metabolismo linear, bombeando bens da periferia e expelindo os resíduos poluitivos para o exterior. A cidade baseada no modelo máquina do séc. XIX passou a ser o shopping. Generalizaram-se formas de «apartheid» urbano através de condomínios fechados para a burguesia enriquecida e guetos para os excluídos. Isto é o corolário da destruição dos espaços públicos e das operações especulativas de promotores imobiliárias. Apenas os fluxos circulatórios cada vez mais ocupados pelo automóvel, constituem linhas de comunicação acelerada entre pólos de consumo. Instaurou-se um sistema de vigia e punição que é cada vez mais parecido com o «big brother» com que Orwell nos horrorizou mas que agora se aceita como entretenimento social. Esta sociedade securitária desenvolveu bodes expiatórios sobre o terrorismo e sobre a emigração para escamotear as profundas injustiças geradas pelo seu modelo de crescimento. Mas uma outra cidade é possível. A luta pelos espaços públicos constitui uma reivindicação essencial face ao «apartheid» dos condomínios privados. Só uma cidade capaz de introduzir um metabolismo circular, isto é, uma ecocidade que transforme e recicle os seus resíduos em regeneração produtiva e que se alimente de energias renováveis, pode inverter o carácter predador do actual modelo de urbanismo. Essa cidade tem que se formular numa outra visão urbanística, construída com fontes de energias renováveis, com sistemas de biodepuração, com transportes públicos não poluentes, com jardins e hortas municipais, com dispositivos topológicos que criem lugares privilegiados para uma cidadania activa. Tudo isso porque hoje não há ideias políticas sem lugares e não há lugares sem ideias. A luta sindical no combate pelos direitos e regalias sociais, deverá abranger o direito a esta nova cidade. Por isso, no dia 10 de Dezembro, dia da Greve Geral, espero que nas bandeiras e faixas reivindicativas se possam ver novos slogans de combate: ecocidades, lugares públicos para uma cidadania livre, direitos para uma nova cidade, contra o «apartheid» urbano.